

REFLEXÕES SOBRE MUTISMO SELETIVO: TRANSTORNO DE ORDEM EMOCIONAL COM IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM ESCOLAR.

Andréia Souza da Rocha¹
Luciene da Silva Freitas²
Suely Gonçalves Magalhães³

RESUMO

Obter informações e colaborar na ampliação e divulgação do transtorno denominado Mutismo Seletivo é de grande relevância principalmente ao âmbito da educação. Uma vez que este encontra-se presente no espaço educativo sem a necessária compreensão e atendimento adequado. A maioria das escolas, bem como alguns professores desconhecem e/ou ignoram a sua existência, ficando apenas no achismo do senso comum e em suas rotulações. A escola é um espaço favorável para avaliação do indivíduo, além de ser também lugar privilegiado para uma intervenção promotora ao desempenho do educando. Este artigo principia mostrando a importância da psicopedagogia e seu processo histórico no intuito de mostrar a necessidade da atuação deste profissional no processo da aprendizagem da criança perante as dificuldades encontradas na heterogeneidade e especificidade dos aprendizes que compõem a escola.

A pesquisa traz ainda, o Mutismo Seletivo sobre um olhar psicopedagógico. Conceitua-se Mudez e mutismo fazendo um paralelo entre ambos. Apresenta-se, também, a família como fator desencadeante do mutismo seletivo traçando um paralelo da análise dos dados no estudo de caso sob a nossa visão com a visão dos autores que fundamentam este trabalho.

Palavras-Chaves: Mutismo Seletivo, Família, Psicopedagogia.

¹Andréia Souza da Rocha. Pós-graduanda do curso de Psicopedagogia Faculdade Olga Mettig. E-mail: de-ias-rocha@hotmail.com

²Luciene da Silva Freitas. Pós-graduanda do curso de Psicopedagogia Faculdade Olga Mettig. E-mail: neny-lu@hotmail.com

³ Professora Orientadora: Bacharel em Teologia, Licenciada em História e Filosofia, Psicopedagoga, Pesquisadora e orientadora de Projetos Científicos, Orientadora de Estágios Supervisionados. Professora do Programa de Formação de Professor, na Universidade Estadual da Bahia. Departamento da Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Integrada Olga Mettig. suelymagalhaes1@hotmail.com).

INTRODUÇÃO

O presente artigo, trata-se das observações realizadas durante o período de estágio em uma instituição escolar. O olhar criterioso e voltado para a necessidade particular de cada criança requer de nós preparação, neste interim, a prática da observação nos possibilita e capacita para atender a demanda existente. Durante o período de estágio realizado nesta instituição, observamos que no tocante as dificuldades de aprendizagem ou de relacionamento social seja de ordem orgânica, ambiental ou emocional requer maior atenção, e a escola por ser um ambiente de aprendizado formal, é também primeiro lugar social fora do núcleo familiar, o ambiente escolar é por tanto um espaço propício para a avaliação das crianças, seja na aquisição da leitura e da escrita ou em seu aspecto emocional.

A criança que apresenta alterações em seu aprendizado e/ou comportamento é indicativa de irregularidade. O retraimento social excessivo poderá comprometer o desempenho escolar da criança, dessa forma, a escolha do tema: Reflexões sobre Mutismo Seletivo; transtorno de ordem emocional com implicações na aprendizagem escolar, justifica-se em refletir sobre a influencia deste transtorno na vida escolar da criança. Neste sentido, buscamos com este estudo compreender as implicações que o mutismo seletivo pode gerar. Bem como; Refletir sobre a importância da psicopedagogia , conceituar mudez, diferenciar mudez e mutismo Seletivo e Refletir sobre o fator família como desencadeante do mutismo seletivo.

Este período vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas., é através deste que iremos estabelecer o 1º contato com o futuro campo de atuação e integrar o conhecimento à vida profissional.

Para a execução deste trabalho utilizamos a etnopesquisa com abordagens metodológica, abordagem qualitativa e fundamentos teóricos bibliográficos, empregamos também consultas de fontes de dados online e artigos científicos,

materiais já elaborados para obter informações relevantes a esta pesquisa e enriquecimento do trabalho. A este despeito Gil (2002, p. 44), diz, embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

A pesquisa bibliográfica tem seu valor acadêmico por incentivar autor e leitor a compreender com mais clareza as discussões teóricas que são travadas sobre o objeto em questão. Para fundamentar este estágio foram consultados os seguintes autores: Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (1998), Gil (2002), Bossa (2000), Fernandez (1991), Meyers (1999), Nolte e Harris (2003), Polagana (2001), Relvas (2010), Rodrigues (2006), e textos de autores conceituados, localizados a partir de pesquisa na internet. A leitura densa dos autores acima citados proporciona a segurança para “colocar” o tema nas bases que se quer à academia e, conseqüentemente, à pesquisa.

Segundo Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (1998): “As pesquisas qualitativas são caracteristicamente multimetodológicas, isto é, usam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados.” Dessa forma, foram utilizados instrumentos de investigação como questionários, entrevistas, diário de campo e anamnese. Estes instrumentos são ferramentas norteadoras que subsidiam na obtenção dos dados.

O leitor atento a essa escrita encontrará discussões relativas ao processo histórico da psicopedagogia e sua importância, através de uma breve retrospectiva histórica, atentando-se para alguns teóricos que se apropriam desse tema. Logo após, trataremos do que é a mudez, a diferença entre a mudez e o mutismo seletivo, e antes das considerações finais, discutiremos sobre o fator família como desencadeante do mutismo seletivo. Estes tópicos caminham em direção ao objetivo já sinalizado no início dessa introdução e é em prol desse cumprimento que apresentamos o texto a seguir.

A IMPORTÂNCIA DA PSICOPEDAGOGIA E SEU PROCESSO HISTÓRICO: BREVE PANORAMA

A psicopedagogia surgiu, no final do século XIX, com a característica de uma pedagogia curativa. Ou seja, despontou como possibilidade de se trabalhar crianças com lesões cerebrais e neurológicas, adquiridas ou genéticas. Dessa forma, emerge com o objetivo de recuperar aquelas crianças com dificuldades de aprendizagem, que não acompanhavam, em sala de aula, o ritmo dos demais colegas, daí, sua natureza curativa.

No Brasil, segundo Maria Irene Maluf, presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia - ABPp, a Psicopedagogia começou a ser ensinada em cursos esporádicos, ministrados por especialistas provenientes, inicialmente, da Argentina e do Uruguai. O primeiro curso oficial de Psicopedagogia foi oferecido pelo Instituto Sedes Sapientiae/SP, em 1980. Após o término daquele curso, um grupo de pedagogas, liderado por Leda Barone e Edith Rubinstein, resolveu fundar uma Associação, que congregasse o grande número de profissionais, com formação em cursos livres de Psicopedagogia, em torno do estudo e da divulgação da profissão. Segundo Bossa (2000, p. 23), “A psicopedagogia nasceu da necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprendizagem e se tornou uma área de estudo específica que busca conhecimento em outros campos e cria seu próprio objeto de estudo”.

A psicopedagogia tem como campo de atuação a clínica e as instituições como os hospitais, as empresas e as escolas. Na clínica, acontece a relação do sujeito com sua história pessoal e o tipo de aprendizagem, a própria alteração torna-se alvo de estudo da Psicopedagogia. Isto significa que, nesta modalidade de trabalho, deve o profissional compreender o que o sujeito aprende, como aprende e porque. Na prevenção avalia-se os procedimentos que interferem no processo de aprendizagem, são avaliados os processos didático-metodológicos e a dinâmica

institucional, a instituição, enquanto espaço físico e psíquico da aprendizagem, é objeto de estudo da Psicopedagogia.

De acordo com Visca (apud BOSSA, 2000, p. 21)

[...]a psicopedagogia foi inicialmente uma ação subsidiada da medicina e da psicologia, perfilando - se posteriormente com um conhecimento independente e complementar possuída de um objeto, denominado de processo de aprendizagem, e de recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios.

A Psicopedagogia provê as ferramentas e esclarecimentos que promovem a aprendizagem, e mais importante ainda, que levam à criação de novas estratégias e metodologias de ensino que facilitam o trabalho do docente. É inegável que há uma preocupação muito grande com o desempenho de crianças com problema de aprendizagem, em especial nos anos iniciais de escolarização. Essa problemática se dá pelo fato de que algumas escolas conteúdistas e professores poucos preparados utilizam de métodos didáticos e avaliação uniforme sem se atentar à diversidade que compõem uma sala de aula, tendo como principal objetivo a atribuição de nota, sendo dispensável a verificação dos conhecimentos não acomodados.

No Brasil são raros os profissionais especializados para o diagnóstico precoce e tratamento de algumas dificuldades específicas. Os professores podem até perceber o comportamento que destoa do que seria oportuno para uma aprendizagem satisfatória, porém, não possui conhecimento suficiente para a necessária intervenção.

Dessa forma, fica explícito a relevância do trabalho realizado pelo profissional psicopedagogo, que irá atuar no intuito de sanar essas dificuldades, orientando os educandos e os responsáveis pelo seu desempenho.

MUDEZ E MUTISMO SELETIVO; Semelhantes mas diferentes.

Uma pessoa pode ser muda por não ter aprendido a usar a fala ou porque, em alguma fase de seu desenvolvimento, foi acometida de distúrbio que acarretou a mudez. Segundo a Wikipédia Enciclopédia Livre, mudez ou afonia é uma deficiência que indica incapacidade (total ou parcial) de produzir fala, as principais causas de mudez são físicas, podem estar relacionadas com a garganta, cordas vocais, língua, boca, pulmões, ou outros.

Enquanto a mudez é incapacidade de falar relacionado a parte física, o mutismo está associado a perda da fala por transtornos psicológicos.

A mudez é a ausência total da voz, uma pessoa pode nascer muda ou adquirir a mudez mais tarde, já o Mutismo é uma mudez de transtorno psicológico que pode ter como causa; traumas, transtorno da infância, esquizofrenia, catatonia, melancolia, paralisia geral, estado de demência e demência senil. Assim, a dificuldade em comunicar e de se relacionar com as outras pessoas pode confundir a mudez e o mutismo seletivo, porém, como já dito anteriormente o mutista tem dificuldade da verbalização tendo o aspecto psicológico emocional como principal ordem, mas possui seu aparelho fonador bem como a sua cognição e intelecto preservado, podendo verbalizar tão logo vença o que podemos também chamar de timidez excessiva. Por tanto, nem todo mudo é mutista ou vice-versa.

O MS, embora já tivesse sido identificado anteriormente, foi pela primeira vez descrito pelo médico alemão Kussmaul em 1877, que referiu pacientes que não falavam em algumas situações, apesar de terem habilidade linguística para o fazer, tendo denominado o problema de “afasia voluntária”, um quadro de uma criança aparentemente desafiadora que, em determinadas situações, escolhia não comunicar. Em 1934, Tramet introduziu a designação *mutismo eletivo* para descrever um quadro que apresenta alguém com incapacidade de falar em situações em que seria esperado que o fizesse.

O termo *eletivo* sugeria, também, que havia uma decisão deliberada para não falar. Neste sentido, a literatura salientava a oposição como uma variável chave no MS. Halpern, Hammond e Cohen (1971) descreviam as crianças com MS como sendo imaturas, controladoras e com comportamentos de oposição.

No entanto, o DSM-IV-TR (APA, 2000) mudou o nome desta condição de “mutismo eletivo” para “mutismo seletivo”. Santos (2005) concorda que esta disfuncionalidade não é um comportamento voluntário e, decorrente disto, concorda também com a mudança que ocorreu ao nível da classificação no DSM-IV, em 1994, e que tornou oficial a terminologia agora usada para descrever o MS com um caráter involuntário. De acordo com Prado, Revers e Marrocos (2008), esta mudança de terminologia representou uma transição. A criança entraria em MS não por vontade própria mas porque o contexto social favorecia a não comunicação, delineando um quadro de ansiedade e de fobia social.

De acordo as pesquisas realizadas a partir de artigos na internet, O CID (Manual de Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas) mostra que as condições para o diagnóstico de mutismo seletivo, ou eletivo, são caracterizadas por uma seletividade marcante e emocionalmente determinada na fala, de modo que a criança demonstra a sua competência de linguagem em algumas situações, mas falha em outras (definíveis). Este transtorno, geralmente, é manifestado no início da infância e ocorre com aproximadamente a mesma frequência nos dois sexos. Usualmente, está associado a aspectos marcantes de personalidade, envolvendo ansiedade social, retraimento, suscetibilidade ou resistência. Tipicamente, a criança fala em casa, ou com amigos íntimos, mas é muda na escola, ou com estranhos.

Em comparação do diagnóstico da CID-10 com o do DSM IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), a característica essencial é o fracasso persistente em falar em situações sociais específicas, nas quais existe a expectativa para falar, por exemplo: na escola, apesar de falar em outras situações.

É natural vermos as crianças com estas características serem rotuladas de tímidas e retraída e costumeiramente não relacionar a algum tipo de transtorno, talvez pela pouca abordagem e divulgação do assunto. A escola em especial, lugar onde é notório a manifestação deste comportamento, deve está atenta e comprometer-se não somente com a escrita mas também com aspectos como estes que traz o Mutismo seletivo. Como diz (Cagliari, 1989: 26) A escola transmite uma concepção de que a escrita é a transcrição da oralidade. A participação verbal como processo inerente e importante ao desenvolvimento humano não pode ser minimizada, uma vez que as pessoas que estão em seu entorno (colegas de escola, professores, vizinhos parentes entre outros), por vezes apresentam grande expectativa de que a criança venha a se comunicar com eles.

Crianças manifestando MS têm sido descritas como tímidas, retraídas, ansiosas, opositivas, controladoras e com pobres performances escolares (BLACK & UHDE, 1992; DALLEY & POWELL, 1999; TANCER, 1992). De fato, o mutista apresenta retraimento e timidez, porém eles não são controladores, apenas são tomados e vencidos pela ansiedade que paralisa a sua oralidade, é algo para além da determinação do não querer falar, é uma aglomerado de sentimentos incontroláveis que o faz emudecer.

As crianças que são acometidas pelo mutismo sofrem de elevados níveis de ansiedade social e timidez e, muito frequentemente, o ambiente escolar por ser espaço de extensão de sua educação e desenvolvimento torna-se lugar comum para a manifestação deste sintomas, visto que fora do seu núcleo familiar a criança mostra-se mais insegura e menos confiante. Segundo Peixoto (2006), é provável que a escola seja o ambiente mais difícil para a criança interagir verbalmente. O que dificulta o seu processo de aprendizagem. Estigmatizados, o mutista seletivo poderá desenvolver outros fatores emocionais comprometendo até mesmo a sua auto – estima, dessa forma, cabe ao educador em primeira instância, perceber e sinalizar a necessidade de ajuda a este individuo, e nós enquanto psicopedagogos nos compete identificar, intervir e/ou encaminhar, para que o sujeito supere a ansiedade que neutraliza a sua verbalização.

FATOR FAMÍLIA COMO DESENCADEANTE DO MUTISMO SELETIVO.

O mutismo seletivo está atrelado a diversos fatores, estes podem estar intrínseco ou extrínseco ao indivíduo, dentre os tantos fatores desencadeantes deste transtorno, discorreremos o seio familiar como fator extrínseco à personalidade do indivíduo sendo causal da desordem emocional.

Uma definição oferecida por Meyers (1999, p. 204) diz o seguinte: Mutismo seletivo se refere a uma forma de comportamento relativamente raro, na qual crianças que apresentam desenvolvimento da linguagem apropriado para a idade elegem permanecer em silêncio, falando unicamente com pessoas que ela seleciona. O pequeno círculo íntimo com quem o mutista seletivo fala é frequentemente formado por membros familiares, parentes e amigos íntimos. Esta recusa seletiva para falar independe da formação intelectual ou status neurótico. Mutismo seletivo é um sintoma de problemas familiares que expressa conflito familiar e está embutido na dinâmica da família.

Sendo assim, é indispensável investigar a história de vida do indivíduo, em que contexto ele está inserido e como se dar a dinâmica e relacionamento destes contextos, pois, as conturbações, desavenças, separações conjugais dos pais, morte na família, etc.. são questões externas à personalidade da criança que pode se traduzir em problemas emocionais, estas experiências ambientais familiares são capazes de gerar alterações emocionais na criança. Como mencionam Nolte e Harris,

As crianças são como esponjas. Absorvem tudo o que fazemos, tudo o que dizemos. Aprendem conosco o tempo todo, mesmo quando não nos damos conta de que estamos ensinando. Assim, quando adotamos um comportamento crítico – reclamando delas, dos outros e do mundo em torno de nós, estamos lhes mostrando como condenar e criticar os outros. Estamos ensinando a ver o que está errado no mundo, e não o que está certo. (2003, p. 15)

Dessa forma, o exemplo de comportamento das pessoas de seu convívio será uma mensagem enviada e internalizada pela criança. As crianças em idade escolar são perfeitamente capazes de observar e vivenciar qualquer clima de hostilidade e inimizade entre seus pais e ou familiares, assim, os conflitos familiares podem dar à criança impressões problemáticas sobre o relacionamento humano, gerando certa ansiedade fóbica social. A fobia social é uma desordem de ansiedade caracterizada por um medo persistente de uma ou mais situações sociais em que a pessoa possa

ser exposta ou passar por uma situação humilhante ou constrangedora (BLACK e UHDE, 1992). A conciliação de ambas emoções; o medo que traz a fobia social e a vergonha/timidez que compõe o mutismo seletivo se não tratadas recairá sobre diversos campos de sua vida como; seu desempenho no trabalho, meios de comunicação social e áreas pessoais.

Embora o MS não esteja associada com a dificuldade de aprendizagem, o comportamento tímido e retraído decorrente do fator familiar ou de outro fator, poderá trazer algumas implicações no desempenho escolar do portador deste transtorno, a não verbalização certamente o excluirá de algumas atividades, por conseguinte, a não participação poderá recair sobre a sua aprendizagem e consecutivamente na avaliação de seu desempenho, por sua vez, o professor não necessariamente precise adotar método avaliativo diferenciado, mas deverá ser cauteloso no momento da avaliação deste aluno para não minimizar seu potencial intelectual colocando-o em níveis educacionais impróprios. Segundo BOSSA,

o aluno, ao ingressar no ensino regular, por volta de sete anos, traz consigo uma história vivida dentro do seu grupo familiar. Se a sua história transcorreu sem maiores problemas, estará estruturado seu superego e poderá deslocar sua pulsão e objetos socialmente valorizados, ou seja, estará pronto para a sublimação. A criança ingressa na escola com um desenvolvimento construído a partir do intercâmbio com o meio familiar e social, o qual pode ter funcionado tanto como facilitador quanto como inibidor no processo de desenvolvimento afetivo-intelectual. (2008, p. 144)

A referida citação acima, nos remete a J.P, sujeito candidato como objeto de investigação desse trabalho, trata-se de uma criança cujo comportamento apresentado refere-se a um transtorno de cunho emocional tendo como provável fator desencadeante os conflitos familiares. O contexto onde ocorreu o desenvolvimento da criança influenciou de maneira contrária em seu afetivo-intelectual. Criança bastante calada e sem interação verbal, J.P tem 6 anos e encontra-se no grupo 05 por ter queimado a etapa anterior ao 1º ano (alfabetização) no ano de 2013, e por este motivo necessitou matricular-se no grupo atual.

J.P não apresenta dificuldade de aprendizagem, e compreende todos os comandos da professora, porém, a timidez excessiva, a passividade, a expressão facial pouco

expressiva, e a dificuldade da criança em olhar nos olhos é uma constante. A não verbalização com os colegas, professora e todos os demais membros presentes na escola, sinaliza para uma dificuldade de interação social. A este respeito Polagana (1986 apud Piaget e Vygotsky 2001, p. 8) nos traz,

As interações sociais de um modo geral, e em particular as que ocorrem no âmbito escolar, vem sendo apontado como um caminho através do qual é possível incrementar o processo de aprendizagem e desenvolvimento, tornando mais produtivo o impacto da escola na trajetória de vida do sujeito.(2001, p.8)

Fazendo uma correlação com esse ponto de vista, o outro possui papel fundamental no processo de aprendizagem do sujeito, é através da interação entre as pessoas que ocorre a construção do conhecimento, e nesta perspectiva o educador deve ser o mediador, estimulando e promovendo meios para que o aprendiz constitua a sua história.

Percebe-se que a insegurança e a falta de confiança no ambiente e nas pessoas que lhe rodeiam causam-lhes um retraimento. As dificuldades apresentadas por J.P em algumas atividades, encontra-se dentro na normalidade de sua fase de desenvolvimento escolar, uma vez que a criança queimou estágio anterior à série atual, J.P apresenta coordenação motora condizente ao seu estágio de desenvolvimento, e mostra ter suas capacidades e processos psicológicos intactos.

Apesar do educando apresentar características de um provável transtorno que bloqueia a verbalização em determinados espaços sociais, a criança possui a sua capacidade de linguística bem como seu intelecto preservado. Assim, J.P apresenta recusa em falar no ambiente escolar, mas mantém as suas demais habilidades em harmonia.

Ainda que a metodologia adotada pela professora de J.P não utilize de estratégias e até mesmo técnicas que atenda a sua particularidade e possibilite a sua participação, o aprendiz não demonstra inatividade, a sua atenção e concentração são bastantes significativas. No entanto, constata-se o desinteresse e ausência

estímulos para a consolidação de uma aprendizagem plena deste indivíduo. Neste ínterim, Relvas menciona que,

O processo de aprendizagem é desencadeado a partir da motivação. Esse processo se dá no interior do sujeito, estando, entretanto, intimamente ligado às relações de troca que o mesmo estabelece com o meio, principalmente, seus professores e colegas. Nas situações escolares, o interesse é indispensável para que o estudante tenha motivos de ação para apropriar-se do conhecimento. (2010, pg. 92)

Assim, o processo de aprendizagem requer um ambiente escolar no qual o educador seja mediador, oferecendo à criança motivos que despertem nele o desejo de aprender, e condições que favoreçam a assimilação do conhecimento.

No entanto, fica notório quanto ao espaço escolar que J.P está inserido, a existência de uma prática pedagógica de inclusão “excludente” da criança em sala de aula, isto nos leva a refletir que as práticas pedagógicas não são fixas, e que para atender a diversidade que compunha uma sala de aula deve-se também diversificar e moldar as práticas às necessidades educacionais do alunado. Sobre este assunto Rodrigues ressalta que,

Para atender a diferença na sala de aula devemos flexibilizar as práticas pedagógicas. Os objetivos e estratégias de metodologias não são inócuos: todos se baseiam em concepções e modelos de aprendizagem. Assim, se não propormos abordagens diferentes ao processo de aprendizagem acabaremos criando desigualdades para muitos alunos. (2006, p.305-306)

É imprescindível diferenciar o ensino para atender satisfatoriamente todos os educandos, para isso o professor precisa desenvolver estratégias criativas de forma que sua metodologia não atenda somente alguns alunos da sala, mas também aqueles que necessitam de um tempo maior, de diferentes estratégias para acomodar seus conhecimentos.

Por fim, é necessário lembrar que a nossa formação vai para além da sala de aula da faculdade, devemos buscar nos atualizarmos, repensar as práticas

pedagógicas, reconhecer a diversidade e homogeneidade das salas de aula, modificar nossas estratégias criar mecanismos que favoreça a um desenvolvimento pleno, a aprendizagem harmônica e acima de tudo, que torne possível o sujeito sair do lugar comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Perante à diversidade que compunha a sociedade e mas precisamente o universo escolar, é notório e cada vez mais evidente que o olhar mas observador e criterioso para com as dificuldades apresentadas dos aprendizes torna-se imperioso. O estudo de caso, nos leva a refletir, analisar e aprofundar a investigação para se chegar a um diagnóstico mas conciso. Como também, desenvolver métodos e estratégias que auxiliem e possibilitem uma melhor aprendizagem do sujeito. Como ponto de partida, o diagnóstico nos apontará a melhor forma de intervir e/ou encaminhar no tratamento das dificuldades.

Faz-se importante que todos os profissionais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem busquem larguear seus conhecimentos, possibilitando-os entender como as influencias de fatores intra e extras escolares, podem gerar dificuldade na aprendizagem do individuo, e de que forma pode ser trabalhado para minimizar tais dificuldades.

Nas primeiras fases escolares, o problema de aprendizagem tem se constituído uma situação real, muitos alunos têm apresentado dificuldades de aprendizagens já no inicio da vida escolar que o segue por um longo período de sua vida, gerando sérias consequências em seu desenvolvimento. A realização do estudo de caso de J.P, nos propiciou praticar, perceber e compreender a importância de um olhar mas reflexivo e uma escuta mais aguçada, como também na ampliação e compreensão sobre as características e necessidades de aprendizagem de determinado aluno. A exposição de um comportamento que rotule suas ações, pode está atrelado a algum transtorno, assim, o discente e todos os demais envolvidos neste processo, devem sensibilizar-se para a importância do tratamento.

REFLECTIONS ON SELETIVO MUTENESS: EMOTIONAL DISORDER OF COM IMPLICAÇÕES ORDEM NA APRENDIZAGEM SCHOOL.

ABSTRACT

Information and collaborate in the expansion and dissemination of the disorder called Selective Mutism is of great relevance especially to the field of education . Once this is present in the educational area without the necessary understanding and proper evaluation . Most schools and some teachers are unaware and / or ignorant of its existence , leaving only the guesses of common sense and their rotulações . The school is a favorable place to review the individual , as well as being privileged promovente intervention for the performance of the student place. This article begins by showing the importance of pcisopedagogia and its historical process in order to show the need for the performance of this professional in the learning process of the child before the difficulties encountered in the heterogeneity and specificity of learners that make up the school. The research also brings the Mutism over a psychopedagogic look. Mute is conceptualized and mutism drawing a parallel between the two. Also shows the family as a triggering factor of selective mutism drawing a parallel analysis of the data in the case study under our vision with the vision of the authors that support this work

Keywords: Mutism, Family, Educational Psychology

REFERENCIAS:

Bossa, Nadia Aparecida. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática/Nádia A. Bossa.** Rio de Janeiro; Wak Editora, 2011. 4ª Edição.

NOLTE, Dorothy Law; HARRIS, Rachel. **As criança aprendem o que vivenciam.** 5. ed. Rio de Janeiro: Sextante: 2003.

POLOGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotky; a relevância do social.** São Paulo: Summus, 2001. 5ª Edição.

pt.wikipedia.org/wiki/Mudez. Acesso em 23 de abril 2014.

RODRIGUES, D. **Dez idéias (mal) feitas sobre a educação inclusiva.** In: RODRIGUES, D (org.).Inclusão e educação: **Doze olhares sobre a educação inclusiva.** São Paulo: Summus, pp.299-318, 2006.

RELVAS, Marta Pires. **Neurociência e educação: potencialidades dos gêneros humanos na sala de aula.** Rio de Janeiro. Wak Ed. 2010. 128 p. 2ª Edição.